

BELAS E FERAS



POR
UM
FUTURO
MELHOR

Sistematização de
experiência





APRESENTAÇÃO

Desde 2012, o grupo Jepiara em Cena passou a encenar o espetáculo sobre a temática da violência sexual contra crianças e adolescentes, desta vez revelando situações cotidianas, sob a ótica das próprias meninas e meninos, a partir de narrativas de situações de violência sexual no contexto familiar, escolar, comunitário e das redes sociais.

O grupo foi desenvolvido no âmbito do projeto Jepiara, do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca-Emaús), do Movimento República de Emaús.

O espetáculo Belas e Feras por um Futuro Melhor foi desenhado durante as oficinas sobre violência sexual, produção de texto, jogos teatrais, confecção de bonecos, figurino e de improvisações teatrais, tendo como referencial metodológico os jogos teatrais de Viola Spolin, que propiciaram ao grupo a organização do corpo, noção de espaço, experiências individuais e coletivas, no sentido de estimular a livre expressão, potencializar habilidade, além de sensibilizar para a apreciação e prazer pela arte.

Outra referência é o Teatro do Oprimido (TO), de Augusto Boal, um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais em que os principais objetivos são a democratização do fazer teatral e a transformação da realidade através do diálogo, tal como também Paulo Freire pensou a educação libertadora.

Os métodos escolhidos são o que melhor representam o referencial teórico e prático trabalhado com as adolescentes do “Jepiara em Cena” para o exercício do protagonismo juvenil, garantindo a participação em todas as etapas do processo. A experiência foi excelente e mostrou que possível retratar a violência sexual contra crianças e adolescentes de forma lúdica, levando informação sem provocar revitimização, mas gerando alerta e atenção aos problemas concretos.

Equipe Jepiara em Cena
Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
Movimento República de Emaús

APRESENTAÇÃO

A Childhood Brasil é uma organização brasileira e faz parte da World Childhood Foundation (Childhood), instituição internacional criada em 1999 por Sua Majestade Rainha Silvia da Suécia para proteger a infância e garantir que as crianças sejam crianças. Há 13 anos a Childhood Brasil luta por uma infância livre de abuso e exploração sexual e, atualmente, executa seis programas próprios e três projetos especiais. A organização já apoiou 110 projetos por meio de 60 organizações, beneficiando mais de 1,5 milhão de pessoas, entre crianças e adolescentes, seus familiares e profissionais de diferentes setores.

O Movimento República do Emaús é uma organização extremamente importante. Não só pela qualidade técnica e pelo papel importante na luta nacional pelos direitos da infância e adolescência como também pela sua localização geográfica. Apoiar essa organização é reconhecer essa importância e fortalecer o seu papel na Região Norte.

O projeto **Jepiara em Cena** por sua vez assume com qualidade o desafio de falar de um tema tão difícil e delicado através de uma linguagem lúdica e suave trabalhando com um grupo de 34 adolescentes para atuarem no enfrentamento da violência sexual com intervenção teatral.

Além das adolescentes do grupo desenvolverem o senso crítico a respeito da problemática da violência sexual, elas levam o tema para outros jovens através de um teatro com fantoches e com uma abordagem fácil e familiar. Falar de violência sexual é difícil. São iniciativas como essa que desmitificam o tema e chegam de forma efetiva e assertiva a tantos jovens no Brasil. Temos certeza que as escolas por onde essa peça passou estão mais preparadas para lidarem com esses casos e conversarem abertamente com os alunos depois da peça e do debate que segue a apresentação.

Anna Flora Werneck
Coordenadora de Programas
Childhood Brasil

Introdução

Este artigo tem o objetivo de discutir o Direito à participação e protagonismo de crianças e adolescentes por meio do espetáculo teatral “Belas e Feras por um futuro melhor”. Este título parece redundante para quem atua na área da infância, por conter dois termos que fazem referência ao reconhecimento de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos: **Direito à Participação e Protagonismo Juvenil**. Contudo, a discussão entre eles, realizada por meio do processo de elaboração desse espetáculo, pretende, também, demonstrar como ambos são complementares.

Participação e protagonismo, o primeiro termo, segundo o dicionário Aurélio, vem do latim *participatio*, é a ação e o efeito de participar (tomar parte, intervir, compartilhar, denunciar, ser parte de). Já protagonismo vem do grego *Protagonistés*, que significa, entre outras coisas, a personagem principal de uma peça dramática, pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar em um acontecimento. O significado dos termos exemplifica o objetivo do espetáculo, pois trata-se de um espetáculo no qual um grupo organizado de meninas elege uma causa para intervir, no caso a violência sexual contra de criança e adolescente, por meio da linguagem teatral, e atuam como personagens principais, desde a concepção da dramaturgia até a sua execução.

Participação é um direito, um fim instrumental para a consecução de outros direitos é o verdadeiro exercício de atuação social e de construção de identidade; é um princípio, uma prática e um processo destinado não só a conscientização do indivíduo, mas também a construção de atores sociais, está vinculado ao exercício da cidadania e do poder (ESPINAR, 2002, p 17)

Desse modo, realizar esta discussão a partir da peça teatral “Belas e feras por um futuro melhor” permite a visualização do que é a participação protagônica de crianças e adolescentes, não apenas por se tratar de uma obra concebida e apresentada por meninas, tampouco por essas meninas serem personagens principais do espetáculo. Mas, principalmente, porque elas foram envolvidas nas discussões sobre infância e adolescência, assim como nas questões de violações de seus direitos e da comunidade onde elas moram, e na atuação para a resolução dos problemas, atuando nas escolas que elas estudam, demonstrando, na prática, que crianças e adolescentes podem contribuir para assegurar tanto os seus direitos como os das pessoas que vivem ao seu entorno.

Outra característica marcante desse espetáculo é o fato de ter sido concebido a participação protagônica a partir de aspectos metodológicos adequados ao exercício pleno de cidadania fundamentada nos preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e da Convenção sobre os Direitos da Criança.

A partir desses preceitos são revelados conceitos para concretização da participação protagônica de crianças e adolescentes, as quais implicam a participação integral de meninos e meninas nos assuntos que lhes afetam, promovendo, assim, sua autonomia e emancipação. Contudo, esses conceitos de participação gerados nesses preceitos são relacionados a inúmeras posturas, ações e atores, mas não deixam definido o referencial metodológico para a operacionalização na prática, o que dificulta tais teorias se tornarem, de fato, uma ação de referência pedagógica para proporcionar a participação efetiva junto e com crianças e adolescentes, abrindo espaço para os direcionamentos e objetivos definidos pelos adultos.

A partir desses preceitos são revelados conceitos para concretização da participação protagônica de crianças e adolescentes, as quais implicam a participação integral de meninos e meninas nos assuntos que lhes afetam, promovendo, assim, sua autonomia e emancipação. Contudo, esses conceitos de participação gerados nesses preceitos são relacionados a inúmeras posturas, ações e atores, mas não deixam definido o referencial metodológico para a operacionalização na prática, o que dificulta tais teorias se tornarem, de fato, uma ação

de referência pedagógica para proporcionar a participação efetiva junto e com crianças e adolescentes, abrindo espaço para os direcionamentos e objetivos definidos pelos adultos.

Observados essas dificuldades, o presente artigo está essencialmente pautado em cinco categorias que envolvem o processo metodológico de elaboração do espetáculo *belas e feras* por um futuro melhor quais sejam: o método, o educando, o educador, a apresentação teatral e a formação política, os quais orientam se integrando para a operacionalização de uma prática pedagógica baseada nos preceitos e conceitos da efetivação do exercício de participação de crianças e adolescentes.

O espetáculo e sua metodologia para garantia da participação protagônica de crianças e adolescentes.

Na Constituição Brasileira e no Estatuto da Criança e do Adolescente está garantido para a criança e o adolescente o direito à participação na sua comunidade, cidade, estado e país, assim como nas decisões que lhe dizem respeito. Porém, pode-se afirmar que para a efetivação da participação protagônica de crianças e adolescentes é preciso muito mais do que leis, pois o exercício pleno de cidadania não ocorre de forma natural ou automática. Para que isso ocorra, é necessária uma ação educativa que vá além, que possibilite à criança e ao adolescente uma leitura ampla e crítica do mundo e, sobretudo, a sua atuação nele, de forma a transformá-lo com amadurecimento e autonomia. Desse modo Freire afirma que

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 1996, p.107)

Nesse sentido, a metodologia para a elaboração do espetáculo “*Belas e feras por futuro melhor*” teve um caráter mediador de conhecimentos entre as técnicas do teatro, a constituição das meninas enquanto sujeito, as histórias por elas contadas e, principalmente, a intervenção delas nessas histórias, possibilitando a construção de sentidos e de novas relações com o mundo, o que resultou na dramaturgia do espetáculo.

A metodologia foi operacionalizada por meio de oficinas sócio pedagógicas, método baseado nas experiências do Movimento República de Emaús, com fundamentação teórica de Paulo Freire que afirma: *ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.* (1987, p.79). Nesse sentido, na oficina pedagógica, o saber é construído coletivamente, a partir do conhecimento de mundo de todas as participantes e com a mediação do educador que possui o conhecimento elaborado, por meio de conceitos estudados e sistematizados.

Para consolidar a participação protagônica das educandas no espetáculo, elas assumiram um papel que resignificou seus posicionamentos diante do projeto que as assistiam, pois decidiram difundir informações de combate à violência sexual de criança e adolescentes para outras meninas e meninos, atribuindo à participação nos projetos do CEDECA um caráter mais ativo. Assim, esse grupo de meninas, mediadas por essa metodologia, desenvolveram um processo de aprendizagem que possibilitou a elas uma formação de autoras da sua própria história, e da história de outras crianças e adolescentes.

Nesse contexto, as educadoras assumiram o papel de mediadoras do processo sócio-político-pedagógico de emancipação dessas meninas e da maneira de serem vista pela sociedade, pois contribuíram para o acesso ao conhecimento e ampliou o horizonte de interesses, haja vista mediação na formação e no desenvolvimento psicológico de suas educandas.

A apresentação do espetáculo foi um dos elementos metodológicos que proporcionou o que Paulo Freire chama de práxis, no qual as meninas demonstraram a apreensão, compreensão e a apropriação dos saberes construído nas oficinas pedagógicas, e além de contribuir na transformação de uma realidade de violação de direito que as afetam e a comunidade onde elas estão inseridas. *Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.* (FREIRE 1987, p. 78)

Outro elemento importante para o desenvolvimento da participação protagônica diz respeito à formação política do grupo que proporcionou o olhar crítico à situação de violações de direitos, à organização coletiva, à autonomia e à participação das meninas em todos os processos de elaboração do espetáculo, pois essa estratégia contribuiu, também, para concretizar uma metodologia que garantisse a decisão coletiva do grupo, o que possibilitou o desenvolvimento da responsabilidade e do compromisso na realização do projeto do espetáculo

Considerações finais

As cinco categorias da metodologia apresentada foram à garantia de que o espetáculo “Belas e Feras por um futuro melhor” possibilitou além da discussão sobre o tema violência sexual, uma possibilidade concreta de espaço pedagógico de materialização da participação protagônica de crianças e adolescentes. Potencializando o empoderando 30 meninas participantes de um grupo de teatro, contribuindo para transformação das relações do adolescente com a sociedade e a superação de estereótipos e preconceitos.

A partir desta experiência, demonstrou-se que investir na participação protagônica de meninos e meninas pode significar romper com a relação, presente até hoje no imaginário social, que meninos e meninas não podem tomar decisão sobre suas vidas, que não tem maturidade para discutir e propor soluções para os problemas de sua comunidade. Supõe-se de modo que eles não têm capacidade para intervir de forma autônoma na sua história, como se não fossem capazes de pensar em formas criativas para resolução dos problemas que os afetam e muito menos colaborar com o processo de construção do projeto de desenvolvimento social.

Referências

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069/1989. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2000a.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: 2000b. Disponível em www.mec.gov.br. Acesso em 19 Julho 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em 20 Julho 2013.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. I. ed. Brasília: Horizonte Editora, 1988.

Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em www.unicef.org/brazil/pt/resources_I0I20.htm. Acesso em 20 de Julho de 2013.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Por uma Pedagogia da Presença. Brasília: Ministério da Ação Social: Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência, 1991.

ESPINAR, Ángel. El ejercicio del poder compartido. Save the Children, 2002.

CHARLOT, Bernard. Os Jovens e o Saber: Perspectivas Mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. SP: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. - Pedagogia do Oprimido, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOLANDA, A. B., 1988, Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa, I ed., Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ.

<http://revistaforum.com.br/blog/2013/04/obra-completa-de-paulo-freire-gratis-para-download>: Acesso em 09 de Janeiro de 2014.

¹Pedagoga com habilitação em Orientação, Supervisão e Gestão Escolar. Pedagoga no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA-Emaús) Belém-pa. Coordenadora pedagógica da Escola Estadual Cidade de Emaús- SEDUC-Pa. Membro do comitê Estadual de Educação e Direitos Humanos - portaria n° 63/gab/sejudhbelém (pa), 06.II.2012.



O grupo Jupiara em Cena foi formado por adolescentes do Programa de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca-Emaús), uma das expressões do Movimento República de Emaús.

O grupo surgiu em 2005 fazendo discussões sobre os direitos sexuais de crianças e adolescentes por meio de oficinas sociopedagógicas. A partir de 2009, começaram as oficinas de teatro que culminaram com o espetáculo sobre abuso sexual “Se essa Rua Fosse Minha”.

O primeiro espetáculo foi o marco para que as meninas se reconhecessem como grupo de teatro, pois a partir daí passaram a adotar a linguagem cênica como a principal ferramenta de sensibilização e enfrentamento à violação dos direitos sexuais de crianças e adolescentes.

A parceria com a Childhood permitiu aprofundar as atividades teatrais e cênicas, aprimorar cenários, vestuário, equipes técnicas, bem como toda a produção executiva para realizar um roteiro de apresentações em escolas, ONG's e vários espaços e eventos importantes para entidades que atuam com os direitos de crianças e adolescentes, especialmente relacionado ao enfrentamento da violência sexual.

Neste sentido, o espetáculo Belas e Feras resultou do amadurecimento do grupo, tendo na elaboração do texto o reflexo do empoderamento a respeito do tema. As cenas foram construídas pelas próprias adolescentes/atrizes e ilustraram as diversas formas da violência sexual sofridas por crianças e adolescentes.

O tipo de representação trouxe à cena atrizes e bonecos dividindo o palco, representando crianças, adolescentes, professores, pais, policiais, enfim, os atores sociais envolvidos na discussão sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes.

A dramaturgia foi dividida em seis quadros, costurados pelo diálogo das adolescentes Lelê Cachinhos, Pink, Ysmingo e Nani, que representavam a figura dos meninos e meninas e suas curiosidades próprias da adolescência. No espetáculo houve bastante cuidado com a cenografia e trilha sonora, o que ajudou a fomentar o interesse nas escolas por onde o espetáculo passou.

Sempre após o espetáculo, havia uma rodada de conversa, quando as adolescentes comentavam e debatiam as cenas, esclarecendo as dúvidas mais frequentes a respeito dos temas abordados durante o espetáculo. Tudo de forma leve, divertida.





O espetáculo *Belas e Feras* por um futuro melhor existiu como projeto entre 2012 e 2013. As primeiras atividades foram oficinas de texto, de construção de bonecos e de arte cênica.

Entre o segundo semestre de 2012 e o primeiro semestre de 2013 foram promovidas 84 apresentações em escolas públicas de Belém e municípios da Região Metropolitana de Belém.



O número de adolescentes que participou do grupo variou entre 25 e 36 meninas no período de um ano.

Todas as meninas viviam em bairros periféricos de Belém e quando ingressaram no grupo viviam em contextos que expõem crianças e adolescentes a situações de violência, tráfico de drogas e de pessoas, exploração do trabalho infantil, gravidez precoce, abandono escolar, entre outros problemas.



No total, quase mil crianças e adolescentes de escolas públicas assistiram às apresentações e participaram de debates.

Houve apresentações também em centros de internação e em eventos sobre direitos de crianças e adolescentes, de modo que o projeto se tornou referência no tema e como metodologia.





Eu vim com uma colega minha, aí eu conheci as meninas gostei e continuei vindo. Aí, comecei a participar do Belas e Feras. Foi muito bom, aprendi várias coisas. Aí começamos a fazer teatro, fazer bonecos, depois nós começamos a fazer apresentação, a ir para várias escolas. Foi muito bacana, fiz grandes amizades, gostei muito dos temas das apresentações. Isso mudou várias coisas na minha vida. Eu era muito tímida, agora não tenho mais vergonha.

Elizângela Maciel, 14 anos



Nos dividimos em grupo e cada grupo tinha que apresentar um pequeno teatro sobre abuso sexual contra criança e adolescente, tráfico de seres humanos e outros tipos de abuso. Eu achei que o espetáculo foi e é muito importante porque serve para alertar os adolescentes. Pra eles ficarem atentos. Tem abuso que são cometidos em casa, na escola, na rua, etc.

Brenda Malcher, 16 anos.



Participar do espetáculo foi grandioso, porque participamos integralmente de todo o processo (confecção de bonecos, produção dos textos das cenas, temas abordadas nas cenas etc.) Mesmo quem não dava muita importância para o teatro acabou se apaixonando, assim como eu.

Layane Silva, 18 anos



O período de apresentação nas escolas foi ótimo, cada uma das apresentações foi me dando mais vontade de continuar no projeto. As meninas que nunca tinham participado de nenhum espetáculo gostaram bastante e todas nós ficamos felizes com a repercussão do espetáculo.

Camille Gomes, 14 anos.



Ficha técnica

Dramaturgia: Alice Borges, Alice de Nazaré, Ana Claudia Alexandrina, Bianca Pantoja, Brenda Malcher, Camila Moraes, Camille Malcher, Danielle dos Reis, Elizângela Maciel, Fabiana Pastana, Fabiola Lopes, Heilanche Tavares, Lana Baía, Laura Ferreira, Layane da Silva, Mayara Maciel, Monique Cunha, Patrícia Sharlene, Roseane de Souza, Thayse do Rosário, Yasmim Maia.

Revisão: Ana Carolina Marceliano, Cleice Maciel, Leny Monteiro e Renata Santos.

Elenco: Alice de Nazaré, Ana Cláudia Alexandrina, Brenda Malcher, Camille Malcher, Danielle dos Reis, Elizângela Maciel, Fabiane Cristine, Heilanche Tavares, Lana Baía, Layane da Silva, Mayara Maciel, Monique Isis da Cunha, Patrícia Sharlene, Roseane de Souza, Yasmim Maia.

Figurino: Concepção coletiva das adolescentes, sistematização e confecção: Maria Betânia Simões e Mariléia Aguiar.

Bonecos: Concepção coletiva das adolescentes, confecção: Paulo Ricardo

Sonoplastia: Leny Monteiro

Direção Geral: Cleice Maciel

Assistente de Direção: Ana Carolina Marceliano e Leny Monteiro

Produção: Iara Silva e Renata Santos.

Comunicação: Jaqueline Almeida

Fotos: Arquivo Cedeca-Emaús

Movimento de Emaús: Conselho Geral: Georgina Kalife (coordenadora), João Gomes, José Guerreiro, Edmilson Campos, Sandra Assunção.

Cedeca-Emaús: Coordenação: Ana Celina Bentes Hamoy

Projeto Jepiara: Alessandra Cordovil (coordenadora), Kátia Santos (assistente social), Layane da Silva (educadora social).

**SE VOCÊ JÁ SOFREU OU
CONHECE ALGUÉM QUE
SOFRE
VIOLÊNCIA
SEXUAL,
DENUNCIE:**

DISK 100

Realização



Apoio



Movimento República de Emaús
Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca-Emaús)
Trav. Dom Romualdo de Seixas, 918.
Umarizal - Belém, Pará
Contatos: (91) 3241-7007
www.movimentodeemaus.org